

Feminismo na rede: Como a cobertura jornalística da Marcha das Vadias do portal Vice foi comentada pelos internautas

DÉBORA MARTINS¹; SILVIA MEIRELLES²

¹Universidade Federal de Pelotas – deborajmartins@live.com

²Universidade Federal de Pelotas – silviameirelles@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O jornalismo na internet vem modificando a prática jornalística desde a explosão da rede nos anos 1990, porém, agora, cabe aos jornalistas e pesquisadores observar como os leitores se apropriam deste novo jornalismo para além das possibilidades técnicas da web. Através de características como a interatividade, própria da rede, os internautas passaram a se apropriar de espaços em sites, portais, blogs e etc., destinados exclusivamente para que se expressem, estabeleçam relações com o conteúdo, com o autor e com outros internautas. Por outro lado, a transposição da prática jornalística para a internet de forma alguma altera aspectos primordiais da profissão, principalmente a responsabilidade do jornalista frente a sociedade. Neste sentido, ainda é extremamente importante que o conteúdo jornalístico produzido na web cumpra seu papel de informar a partir de uma interpretação da realidade voltada ao esclarecimento da sociedade.

Através de uma breve análise dos comentários publicados junto a matéria “Não Teve Tiro, mas Rolou Porrada e Bomba no Escracho Pós-Marcha das Vadias”, de maio de 2014, busca-se compreender o modo como acontece o processo de circulação da informação em conteúdos jornalísticos de cunho social, no caso, sobre feminismo, a partir do discurso dos internautas. A rede tem apresentado o feminismo à massa e é natural que haja resistência, como há com qualquer movimento social que busque a quebra de aspectos do status quo.

É importante destacar a forma como os internautas reagem ao conteúdo de cunho feminista no webjornalismo para pensar como o movimento é percebido e qual a influência – e a responsabilidade – do jornalismo neste aspecto. Para tanto, será necessário abordar conceitos sobre webjornalismo, entendido aqui na perspectiva da autora Carla Schwingel, que retoma trabalhos anteriores de outros autores como Luciana Mielniczuk e Marcos Palacios; bem como sobre interatividade, vista principalmente a partir do trabalho do pesquisador Alex Primo. Sobre feminismo, encontra-se referência nas autoras Bianca Alves e Jacqueline Pitanguy.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesta pesquisa é do tipo qualitativa pois observa aspectos específicos da amostra que se adéquem ao problema de pesquisa. Neste sentido, a amostra encaixa-se no tipo intencional, uma vez que “os elementos da amostra passam a ser selecionados deliberadamente, conforme apresentem as características necessárias para a observação, percepção e análise das motivações centrais da pesquisa” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p.67). Pode ser incluída ainda no subtipo “por intensidade”, que, segundo as autoras, adaptando as propostas de diversos pesquisadores, “favorece os elementos em que as características que interessam à pesquisa estão presentes de forma intensa

ou evidente, mas que não se caracterizam como casos extremos” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p.79).

A coleta dos dados foi feita partindo da exibição de todos os comentários para registrar a amostra em um único arquivo composto pelo corpo da notícia mais os comentários. Em um primeiro momento, foram coletados comentários que contivessem as palavras feminismo e/ou feminista, observando o teor dos discursos para então estabelecer padrões entre eles. Foram observados também os comentários com maior número de interações reativas (“curtidas” e respostas), pois, apesar da pesquisa apoiar-se na perspectiva metodológica qualitativa, aspectos quantitativos tornam-se relevantes a nível de comparação, servindo como base para levantar hipóteses sobre os motivos que levaram este conteúdo jornalístico em especial a ter tantos mais comentários e interações do que outros do mesmo portal.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O webjornalismo modificou o modo como o conteúdo jornalístico é produzido, tanto no sentido do suporte técnico, com o avanço da tecnologia, como no âmbito do esclarecimento e do acesso à informação, incorporando o internauta no processo através da interatividade. São observáveis na amostra os conceitos de interação reativa e mútua indicados por Primo (2000) co-existindo, uma vez que para que haja interação mútua, o internauta passa antes por uma roteirização das suas ações.

Antes de efetivamente publicar o comentário, o internauta precisa clicar na opção “Add a coment” para, então, escrever no espaço destinado e concluir a ação a partir do botão “Comment”. As formas de interação reativa ainda aparecem nas formas de “Reply Post” (responder), “Like” (curtir) e “Follow Post” (seguir o post), sendo a última, quando o internauta passa a receber notificações no Facebook a cada resposta que o comentário recebe. No entanto, é através dessa roteirização que emerge a interação mútua, na qual os internautas conversam entre si e que passa a análise para um nível comportamental.

Em uma primeira categorização para análise, buscando pela palavra “feminismo” dentre todos os comentários, destacam-se sete; já a palavra “feminista” origina 10 resultados, sendo que alguns comentários contêm ambos os termos. Para compreender a forma como os receptores reagem a um conteúdo de cunho feminista na internet, é importante antes compreender alguns aspectos do movimento.

O feminismo é um movimento social e político que visa a igualdade entre os gêneros através da desconstrução de papéis sociais e da libertação das opressões do patriarcado. Para fins de estudo, o movimento feminista Ocidental pode ser compreendido historicamente em três “ondas”, no entanto, é uma filosofia que perpassa a ideia de temporalidade, pois é construído no cotidiano e cujas raízes estão em períodos muito antigos da história da civilização.

Sob essa perspectiva de libertação originou-se a Marcha das Vadias, *SlutWalk*, em inglês. A primeira Marcha aconteceu em 2011, em Toronto, no Canadá, como uma reação a uma declaração de um policial sobre os índices alarmantes de violência dentro do ambiente universitário da cidade, que recomendou que, para não serem estupradas, as mulheres devessem não se vestir como *vadias* (*sluts*). O fato abordado na matéria “Não Teve Tiro, Mas Rolou Porrada e Bomba no Escracho Pós-Marcha das Vadias” reflete justamente o embate entre o que reivindica a Marcha e o modo como a sociedade percebe o corpo feminino.

Analizando a amostra a partir dos comentários mais relevantes, com mais “Likes” e respostas, é possível observar a resistência de alguns internautas – no caso, a maioria – diante do que representa a Marcha das Vadias e, de forma mais ampla, o feminismo. Falar sobre sexualidade e autonomia feminina ainda gera desconforto mesmo na internet e entre a “nova cultura global” da geração “mente aberta” que, ao menos teoricamente, é o público consumidor do conteúdo do portal Vice.

O corpo da matéria em nenhum momento faz panfletagem para o movimento feminista, podendo ser encarado como crítico ao feminismo praticado pelos presentes na Marcha em alguns momentos, porém, ainda sim, causa desconforto em um número considerável de internautas o suficiente para impulsioná-los a publicar suas considerações sobre o conteúdo. A postura que pôde ser percebida no *feedback* dos leitores neste caso é uma reprodução do que acontece nas ruas, nos espaços públicos, dentro das casas e nos locais de trabalho, e corrobora exatamente o que protestos como a Marcha das Vadias e o movimento feminista denuncia todos os dias. Ao presumir que a sua opinião e seus conceitos de “mulher de verdade” e o que é feminismo, os comentários justificam a existência do movimento e exemplificam a importância da desconstrução desses conceitos para uma sociedade igualitária.

4. CONCLUSÕES

Como as pessoas se relacionam com o conteúdo jornalístico através da rede e, por consequência, como esse conteúdo impacta a sociedade, modificam o modo como o próprio jornalista deve entender a profissão e sua responsabilidade. Por isso, é necessário delinear estudos no sentido de observar essa resistência do receptor frente às questões sociais, não só o feminismo, para compreender como ela se dá na web e repensar o papel do jornalismo dentro desse espectro como um proponente de debates que visem a evolução da sociedade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, B. M.; PITANGUY, J. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BARDOEL, J.; DEUZE, M. Network journalism: Converging Competences of Media Professionals and Professionalism. **Australian Journalism Review**, v 23, p. 91-103, 2001.
- FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- PRIMO, A. Interação mútua e interação reativa: uma proposta de estudo. **Revista da Famecos**, n. 12, p. 81-92, 2000.
- SCHWINGEL, C. **Ciberjornalismo**. São Paulo: Paulinas, 2012.